

Lucíola conta a história de paixão entre Lúcia, uma rica e bela cortesã, e Paulo, um jovem ingênuo dividido entre o amor e o preconceito. Os dois jovens se apaixonam e, contra toda maledicência da corte, vivem sua história de amor.

Por Paulo, a moça abandona a vida de prostituição, a que recorreu apenas para poder sustentar a irmã mais nova e garantir-lhe o destino digno de uma senhora. Paulo reconhece, a cada dia junto de Lúcia, a nobreza de espírito de sua amada e os sacrifícios que ela faz em nome do amor que sente por ele. Mas a felicidade dos dois não dura: Lúcia, já adoentada há algum tempo, morre nos braços de seu amado.

II

O trecho transcrito mostra a confusão de sentimentos de Paulo que, mesmo sabendo ser Lúcia uma cortesã, ainda enxergava nela a senhora que à primeira vista imaginou que seria.

[...]

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimoso aparição.

— Já vi esta moça! disse comigo. Mas onde?...

Ela pouco demorou-se na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da fronte.

— Quem é esta senhora? perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

— Lúcia!

[...]

Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

— Vieste só?

— Em corpo e alma.

— E não tens companhia para a volta?

Ela fez um gesto negativo.

— Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.

— Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; hoje não posso.

— Já vejo que não foste franca!

— Não acredita?... Se eu viesse por passeio!

Talhe: porte, configuração física.

Diáfanos: delicados.

Ressumbrava: revelava.

Laivos: mostras, vestígios.

Castidade: pureza, inocência.

Bonomia: bondade.

Fatuidade: presunção, vaidade.

Sá insistiu:

- Deixa-te disso; vem conosco.
- O senhor sabe que não é preciso rogar-me quando se trata de me divertir. Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!
- Decididamente há alguém que te espera.
- Ora! Faço mistério disto?
- Não é teu costume decerto.
- Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? — disse voltando-se para mim com um sorriso.

Não me lembra o que lhe respondi; alguma palavra que nada exprime, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa. Quanto a Lúcia, fazendo-nos um ligeiro aceno com o leque, aproveitou uma aberta da multidão e penetrou no interior da igreja, em risco de ser esmagada pelo povo.

Não preciso dizer-lhe, pois adivinha, que acabava de fazer uma triste figura. Não sou tímido; ao contrário peço por desembaraçado. Mas nessa ocasião diversas circunstâncias me tiravam do meu natural. A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortês franqueza e **impudente**; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga **reminiscência** do meu espírito, me preocupavam sem que eu atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado respeitosamente a *senhora*, que apesar de tudo ainda me aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios, porque, então, o desdém que vertia de sua frase **volúbil** passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção.

[...]

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 2003. p. 15-17. (Fragmento).

1. Paulo, o narrador do romance, se impressiona com a primeira visão que tem de Lúcia. Como ele caracteriza a jovem?
 - Explique de que maneira a caracterização da moça indica os traços românticos de idealização da figura feminina.
2. No trecho transcrito, a maneira como Sá, amigo de Paulo, dirige-se a Lúcia, revela a distinção social entre o rapaz e a moça. Qual é ela?
 - a) Transcreva a passagem em que Sá sugere a condição social de Lúcia ao amigo.
 - b) Qual a reação de Paulo ao perceber que se enganara a respeito da moça? Justifique.
3. Esperava-se das damas no século XIX um comportamento recatado. Por exemplo, que sempre saíssem acompanhadas de uma figura masculina distinta (pai, irmão ou marido). Que elementos do diálogo entre Sá e Lúcia indicam que o comportamento da moça não corresponde a esse modelo?
 - O comportamento de Lúcia seria hoje considerado inadequado? Por quê?
4. Paulo afirma que ficou confuso ao ver, em Lúcia, “o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia”. Que contraste é esse?
 - a) Transcreva do trecho as expressões que o jovem utiliza para marcar essa oposição.
 - b) Que reação a fisionomia de Lúcia provoca em Paulo?

Texto para análise – p. 325

1. Paulo se encanta com a beleza de Lúcia. Na caracterização que faz da moça, destaca o seu porte esbelto e elegante, o rosto suave e puro que parece tomado de “doce melancolia” e revela traços de “ingênua castidade”.
 - A caracterização da expressão de Lúcia com ares de “doce melancolia” e traços de “ingênua castidade”, além da referência à beleza da moça e ao seu porte belo e elegante, revelam uma idealização da figura feminina. Lúcia, na aparência, corresponde ao ideal feminino de pureza e candura que caracteriza as musas românticas dos romances urbanos.
2. Sá é um moço distinto, pertencente à sociedade carioca. Lúcia é uma cortesã. Sendo assim, é tratada com desdém e altivez pelo rapaz. Por não ser uma moça pura e casta, Lúcia não merece o tratamento respeitoso que o rapaz dispensaria a uma dama.
 - a) “— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...”.
 - b) Paulo, ao ser corrigido pelo amigo por se referir a Lúcia como uma “senhora”, envergonha-se de não ter percebido que ela era, na verdade, uma cortesã e não uma jovem casta. Segundo ele, sua “simplicidade provinciana” fizera com que ele visse na expressão de Lúcia o “recato da inocência” em lugar da “máscara hipócrita do vício”.
3. Em primeiro lugar, Lúcia está sozinha e não tem companhia para a volta. Ao ser convidada para acompanhar Sá e Paulo, afirma que não pode, mas que aceitaria em outra ocasião, o que jamais poderia ser feito por uma jovem “casta” sem que isso manchasse sua reputação. Além disso, Sá, ao questionar a recusa da moça, afirma que isso se deve ao fato de Lúcia ter alguém à sua espera (muito provavelmente alguém do sexo masculino). Ao responder a ele, sem pudor, que jamais faria mistério disso, mais uma vez a moça deixa evidente que não corresponde ao padrão “casto” de comportamento esperado das mulheres.

- Resposta pessoal. O comportamento de Lúcia, hoje, não representaria um problema. Seria encarado com naturalidade o fato de uma moça sair desacompanhada, sem que isso significasse tratar-se de alguém não respeitável. Seu comportamento também não seria visto como inadequado, se ela recusasse o convite porque iria se encontrar com um possível pretendente ou se aceitasse o convite para acompanhar dois amigos a algum divertimento.

4. A fisionomia de Lúcia é descrita como pura e distinta, como seria de se esperar de uma moça casta e respeitável; suas palavras, por outro lado, indicavam sua condição de cortesã, por serem francas e sem demonstração de pudor, além de carregadas de desdém. O contraste, portanto, dava-se entre sua aparência e sua real condição social.

a) Para se referir à fisionomia da moça, Paulo usa os termos “expressão **cândida** do rosto”, “**graciosa modéstia** do gesto”, “o semblante em repouso tomava **ares de meiga distinção**”. Ao fazer alusão às palavras de Lúcia, o narrador afirma que “os lábios dessa mulher revelavam a **cortesã franca e impudente**” e que era possível perceber “o desdém que vertia de sua frase **volúbil**”.

b) A fisionomia de Lúcia fez com que Paulo cortejasse respeitosamente a senhora que parecia existir nela.